

A LÍNGUA PORTUGUESA À LUZ DAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO

MÔNICA PENALBER*

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

ROBERTO CLEMENTE**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Letras (PEPGL), São Paulo, SP, Brasil.


Recebido em: 14 jan. 2020. Aprovado em: 18 abr. 2020.

Como citar este artigo: PENALBER, M.; CLEMENTE, R. *A língua portuguesa à luz das mudanças tecnológicas e suas implicações na educação*. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 1, p. 155-169, jan./abr. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n1p155-169

Resumo

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a aproximação do mundo dos estudantes, sujeitos construídos pela linguagem e imersos no mundo da tecnolo-

* E-mail: penalber.monica@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-7833-2142>

** E-mail: robertoclemente.dr@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-3670-3165>

gia, marcado por constantes mudanças, e a escola. E ainda observar os efeitos da era da tecnologia e como ela impacta o ensino da língua portuguesa (LP). Para tanto, pensaremos sobre a tecnologia articulada ao ensino da LP que direciona seu olhar para a comunicação e em como a LP se apresenta nesse processo. Cabe ressaltar que nos apegaremos à perspectiva das tecnologias digitais da informação e da comunicação, por entendermos que ela contempla as necessidades comunicativas dos sujeitos inseridos nos mais diversos contextos históricos.

Palavras-chave

Linguagens. Tecnologia. Língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino de língua portuguesa (LP), mais estritamente sua concepção e o papel da escola em sua condução, tem sido motivo de questionamentos sobre seus reais objetivos, metodologias, procedimentos e resultados. Essa afirmativa está alicerçada nas práticas que se observam e que resultam em dificuldades para (re)conhecer a real função da disciplina citada, e é motivadora para a procura de uma linha norteadora no processo de ensino da língua materna que tenha como essência o desenvolvimento da competência comunicativa e interacional dos sujeitos envolvidos na sociedade, considerando o aspecto linguístico e discursivo presentes nesse processo, principalmente em tempos de comunicação via diferentes mídias graças ao universo tecnológico no qual os alunos estão inseridos.

Ressalta-se que a partir dos anos 1980 vem se discutindo a importância de priorizar o elemento comunicativo da língua, visto que o desenvolvimento da capacidade linguística depende da experiência do aluno com a língua em situações significativas (AZEREDO, 2018a). Nota-se que tal preocupação ganha força quando consideramos o uso constante do “internetês”¹ em ambientes virtuais, não só nas redes sociais, mas também nos ambientes digitais de aprendizagem. Outro ponto que precisa ser observado é que o ensino da língua materna deve considerar a presença do “sentido de urgência” na escrita dos alunos em ambientes virtuais e também certa predominância do idioma inglês

1 *Netspeak* (internetês): termo cunhado pelo linguista britânico David Crystal (2005) na designação do modo de escrita em ambiente virtual.

para a simplificação de algumas palavras, mesmo em português, quando do uso do internetês em conversas via aplicativos de mensagens ou até mesmo em fóruns de cursos a distância ou em outro ambiente em que se pede o uso mais formal da língua. Mesmo diante dessa preocupação com o elemento discursivo da língua que trouxe avanços nas proposições do trabalho com a linguagem numa perspectiva discursiva, percebem-se ainda propostas voltadas exclusivamente para as estruturas formais da linguagem, mas deixando de lado, muitas vezes, os meios de comunicação presentes no cotidiano dos estudantes como as mídias digitais.

Antunes (2017, p. 25) postula o seguinte:

Em consonância com o desenvolvimento dos estudos da semântica e, sobretudo, da pragmática, surgiu o interesse da linguística em abranger a língua como um todo e, assim, fugir da concentração unilateral e reduzida tradicionalmente adotada. Abranger a língua como um todo supõe percebê-la na sua complexidade, já que toda língua é um sistema plural de componentes linguísticos e cognitivos estreitamente vinculados e dependentes das situações socio-culturais de cada grupo.

Daí também, o interesse da linguística em eleger como lugar central de estudo e pesquisa os usos reais da língua, em seus diversos contextos sociais. Não se pode entender o que o outro diz sem levar em conta os elementos espaço-temporais e culturais da situação, isto é, os elementos exteriores aos fatos linguísticos que se quer entender.

Diante do exposto, devem-se observar as habilidades que os alunos precisam desenvolver nas práticas sociais relacionadas à capacidade de compreensão nas mais diferentes esferas do conhecimento. Precisamos quebrar esse panorama do ensino dicotomizado da LP que não permite que o aluno a vivencie além da instituição escolar. Com base nisso, observa-se que há uma lacuna no processo formativo do aluno, pois ele não consegue relacionar a LP às suas práticas sociais e principalmente em um contexto tecnológico como o que se tem hoje, e isso é percebido, inclusive, pelo uso excessivo do internetês em detrimento do uso da LP, ou seja, corre-se o risco de o aluno aproximar-se mais do idioma inglês do que da sua língua materna e ainda passar a utilizar o internetês como forma de comunicação mesmo em ambiente que não o das redes sociais.

É nesse entremeio presente entre a LP e as novas mídias de comunicação que se faz necessário um ensino que venha fortalecer o desenvolvimento socio-

cognitivo do aluno para que ele tenha consciência de que a LP, em seu aspecto teórico e prático, constrói as relações entre sujeitos e fortalece a função primeira da linguagem que é a de constituir o mundo e facilitar sua interação nesse mundo ainda que em uma instância mais digital. A Diretriz Curricular de Tecnologia e Inovação nos direciona para a necessidade de aproximarmos a prática de ensino da língua para a realidade dos estudantes, que, em maior ou menor grau, estão imersos no mundo digital.

Segundo Resende e Ramalho (2009, p. 26):

Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. Nisso consiste a dialética entre discurso e sociedade: o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social. Não há, portanto, uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética.

Tendo essa perspectiva como linha norteadora, o presente artigo tem por tema *as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, além das tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa e ética nas diversas práticas sociais*.

LÍNGUA PORTUGUESA, BNCC E MUNDO DIGITAL: DESAFIOS PARA O ENSINO E O USO DA LÍNGUA MATERNA EM AMBIENTES DIGITAIS

Procuraremos colocar em cena aspectos centrais que envolvem o ensino da língua materna, problematizando encaminhamentos metodológicos de ensino que procuram se evidenciar como eficazes para a proficiência da oralidade, da leitura e da escrita dos alunos com base nos aspectos presentes na Base Comum Curricular Nacional (BNCC) que centraliza

[...] o texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (PEREZ, 2018, p. 65).

Parte-se da premissa de que a BNCC está centrada na compreensão e utilização da linguagem, reconhecendo a sua importância e o respeito às variações sociais e culturais, o desenvolvimento da linguagem oral, escrita, não verbal artística, o mundo digital e apreciação estética perante as diversas manifestações artísticas e a utilização das múltiplas linguagens.

Colocam-se, como ponto fulcral, os gêneros textuais como apresentação de uma situação de interação sociocomunicativa real cujo objetivo é apresentar ao aluno a articulação entre o mundo teórico e o prático para que ele desenvolva seu processo interpretativo nas mais diferentes esferas da sociedade.

Tem-se como objetivo principal observar o processo de ensino da LP articulada com a tecnologia e o mundo digital, buscando identificar melhores caminhos formativos para nortear o trabalho docente diante dos alunos inseridos nos mais diversos contextos e ainda conduzir o processo de ensino da língua materna para o uso em diversas mídias considerando as influências do idioma inglês, dando o suporte ao aluno para que ele tenha a capacidade de discernimento quando do uso de mais de um idioma articulado entre si, sem que isso prejudique o aprendizado da sua língua materna.

Para o desenvolvimento deste artigo, a análise da prática do professor está alicerçada em aprofundamento de textos teóricos e documentos referentes à visão de ensino, considerando diferentes perspectivas representadas pela comunidade linguística, procurando compreender o processo sistematizado do ensino da língua materna aplicado à realidade do aluno que está imerso no mundo digital. Sendo assim, buscou-se definir a perspectiva de ensino adequada para o desenvolvimento integral dos discentes com base na concepção da linguagem em seu aspecto interativo.

Evidencia-se que este trabalho foi pensado à luz da linguística aplicada crítica, pois se busca compreender a transformação da práxis impulsionada pela formação docente, de maneira a promover uma reflexão sobre os papéis dos sujeitos que participam do processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Moita Lopes (1994, p. 333), a pesquisa crítica interpretativista é “entendida como um modo particular de organizar a experiência humana por meio do discurso, sendo, portanto, uma construção social”. Assim, os dados não são retirados prontos, nem algo dado e objetivo, pois essa metodologia pressupõe uma atividade de interpretação por parte do pesquisador.

Tendo em vista o exposto, nossa proposta se apoia em alguns conceitos da análise da linguagem (Bechara, Guimarães, Neves, Possenti, Travaglia). Outro aspecto a ser considerado refere-se à concepção de sequência e transposição

didática (Dolz e Schneuwly). Recorremos ainda ao campo da educação, em especial à didática de língua materna (Antunes, Solé, Rojo). Esse percurso permitirá uma compreensão melhor do processo de desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC que abarca as tecnologias digitais.

Procuramos refletir sobre as habilidades como um modo de leitura e como um processo de interação nos mais diversos momentos de interação social que deve estar presente na escola.

Segundo os PCNS, (vol.1, p.46) a instituição escolar deve garantir um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva. A escola, por ser uma instituição social como propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos.

Para que essa premissa se concretize de modo eficiente, precisamos, em um primeiro momento, lançar um olhar atento sobre três frentes: 1. qual é o nosso objetivo, 2. que ações desenvolveríamos para alcançá-lo e 3. que procedimentos seriam necessários para o êxito da proposta.

Com base na apresentação dessas frentes, pondera-se a respeito da função do docente que deve apresentar como característica a habilidade técnico-pedagógica e ser capaz de desenvolver ações de implantação/implementação e desenvolvimento do currículo oficial nas escolas.

O professor deve desenvolver um olhar criterioso sobre a sua prática e, conseqüentemente, auxiliar o aluno a desenvolver uma aprendizagem significativa. Segundo Ausubel (2000), a aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe.

Para Anastasiou e Alves (2015, p. 20-21, grifos do autor):

No processo de aprendizagem, o envolvimento dos sujeitos, em sua totalidade, é fundamental. Além do *quê* e do *como*, pela ensinagem deve-se possibilitar o *pensar, situação em que cada estudante possa reelaborar as relações dos conteúdos*, por meio dos aspectos que se determinam e se condicionam mutuamente, numa ação conjunta do professor e dos alunos, com ações e níveis de responsabilidades próprias e específicas, explicadas com clareza nas estratégias selecionadas. Assim, propõe-se uma unidade dialética processual, na qual o papel condutor do professor e a autoatividade do estudante se efetivem em dupla mão, num

ensino que provoque a aprendizagem por meio das tarefas contínuas dos sujeitos, de tal forma que o processo interligue o aluno ao objeto de estudo e os coloque frente a frente.

Um aspecto presente no trecho citado anteriormente, que se refere ao “o que” ensinar e ao “como”, deve funcionar como vetor para facilitar a relação entre professores e alunos com suas realidades. Desse modo, tal relação se configuraria em um incentivo para o aprendizado, haja vista que a formação de ambos, muitas vezes oriunda dessa relação, extrapola a informação recebida, ou seja, torna-se um início para a busca pelo conhecimento efetivo e relevante, quase sempre voltada ao objetivo de melhoria daquela realidade, numa configuração clara de protagonismo social. Muitas vezes, coloca-se “o que” (conteúdo) à margem do “como” (metodologia), mas, ao se trabalhar com qualquer disciplina, é importante lembrar o suporte teórico presente e a relação dessa teoria com o mundo em seus diversos contextos sociais; ou seja, ao se colocar a disciplina LP com o foco na linguagem em seu aspecto funcional, tem-se a noção da importância da gramática para a formação de uma consciência linguística. Segundo Pagliaro (*apud* BECHARA, 2003, p. 25-26):

Como em todas as ciências, o valor humano da gramática, antes de ser didático e normativo, é formativo. Ele leva a mente a refletir sobre uma das criações mais importantes e humanamente mais vinculativas, de cuja constituição, de outro modo, não nos preocuparíamos mais do que com o mecanismo da circulação do sangue ou da respiração (pelo menos enquanto funciona bem!). Contudo a palavra é uma atividade consciente, e a adesão a um sistema linguístico diferente daquele a que poderíamos chamar natural, como a aquisição de uma língua comum é, em substância, um fato de ordem volitiva. A reflexão sobre a constituição e os valores desse sistema desenvolve e aperfeiçoa a consciência linguística que é também uma consciência estética; simultaneamente e por meio das análises das correlações e das oposições que constituem o seu caráter funcional, habitua a mente a descobrir no pensamento discursivo as formas que foram elevadas a uma função cognoscitiva mais alta no pensamento racional.

Assim entendido, decidimos adotar o trabalho com a linguagem de modo a promover uma aprendizagem significativa para os alunos. Entretanto, Travaglia (2005, p. 21) alerta que

[...] outra questão importante para o ensino de língua materna é a maneira como o professor concebe a linguagem² e a língua, pois o modo como se vê a língua altera em muito como se estrutura o trabalho com a linguagem em termos de ensino.

Para o trabalho com a linguagem, o Currículo Paulista está fundamentado na terceira concepção de linguagem, que está alicerçada como processo de interação.

O enfoque adotado é o sócio-histórico, que visa não apenas às formas de organização dos elementos que constituem o texto, mas também às condições de construção do sentido, ou seja, a produção do discurso.

Cardoso (2002, p. 12) esclarece a esse respeito dizendo que o papel do professor é fazer “com que o aluno se torne cada vez mais capaz de interpretar textos que circulam socialmente, e de produzir os seus próprios textos nas mais variadas situações discursivas”. Se essa teria sido a prática adotada pelos professores de nossa rede, por que nossos alunos continuam apresentando recorrentemente as mesmas dificuldades? Ou, se essa prática não tem sido adotada, quais seriam os motivos de sua ausência?

Isso significa que o nosso papel de formadores de professores seria lembrar ao docente de LP os princípios da gramática funcional.

A maior unidade de expressão linguística é o texto, que tem de ser considerado sem abandono de toda a situação discursiva em que ele foi produzido. O texto se caracteriza por construir um todo coeso sustentado por uma organização de natureza semântica que no geral envolve uma rede de predicções coerentes unidas por múltiplos mecanismos de junção, bem como uma rede referencial internamente organizada (NEVES, 2018, p. 39).

Além de voltar o olhar para a gramática funcional, é necessário também tratar da importância dos gêneros que circulam socialmente como instrumentos e objetos de ensino não só em meio presencial, mas também nos meios digitais, e aí podemos enfatizar a necessidade de um olhar reflexivo sobre as

2 A primeira concepção vê a linguagem como expressão do pensamento. Para essa concepção, as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo a sua exteriorização apenas uma tradução. A segunda concepção vê a linguagem como instrumento de comunicação. A língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras. A terceira concepção vê a linguagem como processo de interação. Nessa concepção, o que o indivíduo faz ao usar a língua não é somente traduzir e exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor) (TRAVAGLIA, 2005, p. 21-23).

tecnologias digitais e sua influência na LP. É necessário também observar como o discurso pedagógico trata essa questão, visto que há certa “revelia” com a LP em ambientes virtualizados que o próprio discurso pedagógico, sob alguns aspectos, ainda não contempla quando do ensino da LP, por ainda manter com a língua padrão uma relação de autoridade, haja vista que seria, ainda, incomum um professor utilizar o “internetês” em sala de aula, mesmo que fosse como forma de facilitar entendimentos relativos ao uso da língua. Vale lembrar que, segundo Maingueneau (2013, p. 81, grifos do autor),

[...] é necessário reservar um lugar importante ao modo de *manifestação material* dos discursos, ao seu suporte, bem como ao seu *modo de difusão*: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc. Essa dimensão da comunicação verbal foi durante muito tempo relegada a segundo plano. Estávamos habituados, especialmente nos estudos literários, a considerar o texto como sequências de frases dotadas de sentido, indiferentes ao seu mídiu. Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o mídiu não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele impõe coerções sobre seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O mídiu não é um simples meio, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiu modifica o *conjunto de um gênero de discurso*.

É importante ressaltar que as análises aqui apresentadas refletem a visão de que a tecnologia e, *grosso modo*, o mundo digital devem ser vistos como demandas de importância social e que o papel do ensino da LP nas escolas deve estar consonante com essas demandas, inclusive no que diz respeito, também, à inclusão digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos de duas perspectivas sobre a articulação entre LP e as novas tecnologias. A primeira perspectiva está apoiada no gênero do discurso que coloca em cena a preocupação com o efeito de sentido produzido entre sujeitos em relação ao mundo que os cerca e que se relaciona com a BNCC, o Currículo Oficial do Estado de São Paulo e o Currículo Paulista.

A segunda está alicerçada em uma visão funcionalista das diversas formas da linguagem que coloca em jogo a constituição do enunciado com um objetivo comunicativo e interacional.

Tal procedimento tem por objetivo levar à compreensão da articulação dos conceitos relacionados ao ensino, à aprendizagem e às metodologias adequadas para o desenvolvimento dos alunos diante dos mais diversos momentos discursivos em que a linguagem se faz necessária.

A BNCC impacta não somente a (re)elaboração dos currículos, mas também os processos de ensino-aprendizagem, gestão, formação de professores e avaliações.

Outro aspecto importante a se considerar no que tange à BNCC refere-se às metodologias ativas, ou seja, coloca-se em cena o processo do aprender a aprender dos alunos que, a partir de situações reais, são incentivados a assimilar a realidade na qual estão inseridos de forma autônoma e participativa.

Diante do exposto, retomamos os problemas recorrentemente atrelados ao ensino da LP e apontamos a necessidade de existir transparência na perspectiva de ensino da língua que se adota, ou seja, é preciso esclarecer se tal perspectiva continuará centrada em um processo marcado por uma sistematização. Essa base está em conceituações que não se atualizaram às necessidades tecnológicas vividas, hoje, tanto por alunos quanto por professores, ou se será observado um sistema no qual se construirão as relações de sentido no uso da linguagem em que o uso, não só das novas tecnologias, mas também dos diversos ambientes digitais, nos quais professores e alunos estão inseridos, serão levadas em conta.

É no contexto dessas indagações que se insere a BNCC articulada com a metodologia da LP.

Ressalta-se que a articulação entre ensino e aprendizagem numa perspectiva que analisa o papel do professor e sua metodologia para o ensino da língua materna direciona a pesquisa proposta apontando, em um primeiro momento, com os princípios propostos por Antunes (2009), Possenti (1996) e Neves (2018), os seguintes aspectos:

- *Contextualização*: que tem como objetivo traçar as perspectivas de ensino vigentes.
- *Análise da BNCC*: cuja intenção é estabelecer uma relação entre as propostas vigentes de ensino e materiais que surgiram em decorrência da BNCC, como o guia de transição³ de LP.

3 Tem como objetivo orientar diversas práticas e metodologias em sala de aula, que sirvam como ponto de partida para a construção dos novos materiais em 2020.

- *Adequação*: aponta para os princípios que articulam a proposta da BNCC e que foram apresentados nos momentos da contextualização e análise, mostrando o fio condutor que conseqüentemente resulte na apropriação das habilidades por parte dos alunos.

Buscamos compreender as relações concernentes às formações discursivas presentes na concepção de ensino adotada pela BNCC, visto que entendemos que as preocupações do processo pedagógico consoante a uma proposta de ensino articulada com a BNCC devem visar ao desenvolvimento integral do aluno diante da linguagem, de modo a apresentar uma efetiva relação com o que consideramos a constituição do sujeito pela linguagem. É preciso que se tenha de forma clara um tripé na instauração desse processo pedagógico cuja representação pode ser dada por meio da relação linguagem, ensino e práticas sociais.

A complexidade do processo pedagógico impõe, na verdade, o cuidado em se prever e se avaliar, reiteradamente, *concepções* (O que é a linguagem? O que é uma língua?), *objetivos* (Para que ensinamos? Com que finalidade?), procedimentos (Como ensinamos?) e *resultados* (O que temos conseguido?), de forma que todas as ações se orientem para um ponto comum e relevante: *conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos* (ANTUNES, 2003, p. 34).

Quando tratamos a discussão deste artigo inserida no recorte da tríade linguagem, ensino e práticas sociais, consideramos que, tendo a linguagem sua essência voltada à construção de habilidades e competências comunicativas e interacionais, tal recorte deve apresentar em seu processo de ensino um modelo associado às práticas sociais em seu sentido mais amplo. Não se deve limitar o seu uso reconhecido apenas por meios formais e/ou instituições de ensino, mas inserir, e principalmente, no cotidiano do aluno, visto que é nesse cotidiano que a linguagem encontrará ambiente fértil para se revelar amalgamada em consonância com a realidade vivida por esse aluno e por sua comunidade.

Vale lembrar que, atualmente, com os múltiplos ambientes – entenda-se aqui a inclusão do digital e os diversos espaços de interação social, como as redes sociais digitais, os aplicativos de mensagens – e ainda as diferentes realidades vividas em comunidades díspares, pôr à prova a capacidade adquirida do aluno de interagir de forma satisfatória nesses diferentes meios fazendo

bom uso da LP (ainda que sob a influência de um “internetês” já traduzido e adaptado ao idioma desse aluno), evidencia sua capacidade de entendimento, interpretação e uso em um processo interacional, como já dito anteriormente – de velocidade – tanto de escrita quanto de elaboração de uso da linguagem. Assim, alcança seu auge, possibilitando, inclusive, o desenvolvimento de sua autoconfiança como futuro cidadão protagonista, não só na sua comunidade, mas na sociedade como um todo.

É diante dessas situações de uso da LP sob diferentes formas de manifestação, em ambiente formal, informal, presencial, digital, cotidiano ou excepcional que se pode observar a extensa diversidade de matizes em nosso idioma e o aluno precisa estar ciente de tais variações. Para que tal fato seja passível de desdobramento, é necessário um ensino da LP assentado em seu modo funcional, aplicado e de uso.

Com base no exposto, delineamos a articulação entre a formação de professores e práticas docentes que envolvem, como mencionado anteriormente, “o que e o como ensinar”. Enfatizamos que a pesquisa está alicerçada em uma interpretação crítica do processo de ensino e aprendizagem da disciplina LP em uma perspectiva histórico, social e cultural.

Esclarece-se que a concepção de língua interfere na concepção de ensino, e, por esse motivo, elencamos como necessário abordar esses conceitos também.

Segundo Travaglia (2005, p. 23):

A terceira concepção vê a linguagem como forma ou processo de interação. Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais.

Todas as considerações apresentadas neste artigo têm por objetivo chamar a atenção para um trabalho que busca mudanças significativas no contexto da atividade de ensino-aprendizagem da LP em consonância com as neces-

sidades requisitadas pelo mundo digital, cujo resultado só existirá se for concentrado na ação de aprendizagem dos alunos. Como dito anteriormente, vale ressaltar que a linha norteadora deste trabalho é “o que” e “como” ensinar, ou seja, duas concepções que devem ser desenvolvidas alinhadas à formação de professores e às práticas docentes, visto que o processo de ensino-aprendizagem é uma via de mão dupla, ou seja, pede a presença ativa tanto dos alunos quanto dos professores, atentando sempre às rápidas mudanças tecnológicas que atuam como agentes transformadores impactando estilos de vida, aprendizagem e novas relações com o saber.

Portuguese language in the light of technological change and its implications on education

Abstract

This article aims to reflect the approximation of the school and the students' world, which are subjects built by language and immersed in the world of technology, marked by constant changes. It also seeks to observe the effects of technology and its effects on teaching Portuguese language (PL). To achieve this goal, we think of technology combined with teaching the PL, that directs its vision to communication, and how PL presents itself in this process. We clarify that we focus on the perspective, digital information technologies, and communication because we understand that it considers the communicational needs of the subject inserted in the most diverse historical contexts.

Keywords

Languages. Technology. Portuguese language.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. 10. ed. Joinville, SC: Editora Univille, 2015.
- ANTUNES, C. *Vygotsky, quem diria?! Em minha sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (Na sala de aula, 12).

- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- ANTUNES, I. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.
- ANTUNES, I. *Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas*. São Paulo: Parábola, 2017.
- AUSUBEL, D. P. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. *Plátano*, v. 1, 2003.
- AZEREDO, J. C. *A linguística, o texto e o ensino da língua*. São Paulo: Parábola, 2018.
- BECHARA, E. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 11. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CRYSTAL, D. *Revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- DOLZ, J.; SCHEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- GUIMARÃES, E. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Maria Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *Delta*, v. 10, n. 2, p. 33, 1994.
- NEVES, M. H. de M. *A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- NEVES, M. H. de M. *Que gramática estudar na escola?* 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- PEREZ, T. (org.). *BNCC: a Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica*. São Paulo: Moderna, 2018.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil, 1996.
- POSSENTI, S. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola, 2009.
- POSSENTI, S. *Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido*. São Paulo: Parábola, 2011.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.

ROJO, R. (org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.